

# Pastoral

Ano XXXII • Nº 325 • Setembro/Outubro/Novembro de 2022

*Espiritualidade*  
*Caridade*  
*Laicato*  
*Sinodalidade*  
*Comunhão*  
*Pastoral Orgânica*  
*Missão*  
*Isabel Cristina*  
*Grupos de oração*  
*Grupos de Reflexão*  
*Participação*  
*Clero de Mariana*  
*Projeto*  
*Comunidades*  
*Unidade*  
*Arquidiocesano de Evangelização*  
*Eclesiais de Base*

## Os frutos da Arquidiocese

29ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, realizada em setembro, buscou novas perspectivas para os trabalhos pastorais da Arquidiocese de Mariana no contexto de pós-pandemia. **Página 5**



## Editorial

Prezados leitores e leitoras do Jornal Pastoral,

Nossa edição está um pouco atrasada devido aos contratempos que enfrentamos na elaboração do conteúdo. Queremos, desde já, pedir desculpas pela demora em trazer a todos vocês as informações e as formações que há mais de 30 anos são oferecidas por este meio de comunicação.

Mas como nos lembra o ditado, “demorou, mas chegou” ou até mesmo “antes tarde do que nunca”, nossa edição nº 325 chega até vocês. Podemos dizer que a espera valeu a pena! Com uma linguagem acessível e simples, vários artigos foram preparados para que nossas comunidades cresçam cada vez mais na fé.

Nossa matéria de capa não poderia deixar de abordar a Assembleia Arquidiocesana de Pastoral que neste ano aconteceu nos dias 17 e 29 de setembro em duas etapas. Neste ano, um fato interessante aconteceu: a árvore com os espinhos, as flores e os frutos da Arquidiocese de Mariana. No dia 17, foi de modo on-line. Uma experiência diferente e inovadora! Vale ressaltar que essa modalidade proporcionou a participação de muitas pessoas. Já no dia 29, foi a vez do encontro presencial.

A Assembleia foi “marcada por um momento de partilha, reflexão e reencontros, o evento eclesial buscou pensar novas perspectivas para a caminhada pastoral da Igreja Particular de Mariana no contexto de pós-pandemia, à luz do Sínodo dos Bispos 2021-2023 e do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE)”.

Outro assunto interessante é o processo de estudo que está sendo realizado na Arquidiocese sobre os ministérios. O padre José Antônio de Oliveira, com facilidade, nos ajudará a perceber como é bonito o processo vocacional que envolve todos os ministérios. O artigo é intitulado “Em busca de uma Igreja Missionária e ministerial”.

A entrevista desta edição é com o padre Edmar José da Silva que nos apresenta o processo de escuta proposto para a Igreja no Brasil e no mundo tendo em vista o Sínodo dos Bispos no ano de 2023. Vale a pena conferir!

Você não pode deixar de ler o que a nossa estimada jornalista, Thalia, preparou para nós na página 8 na editoria de “Arte, cultura e fé”. Pela própria experiência e por ter nascido em meio à cultura das panelas de pedra, a partir de uma leitura atenta, conseguiremos ver como é interessante o processo de fabricação de panelas de pedra sabão. A arte de fazer da pedra um utensílio doméstico desenvolve não somente a economia do lugarejo, mas também o gosto e o sentido de pertença cultural dos artesãos e seus familiares.

Contudo, tem muita coisa boa nesta edição e você não pode deixar de conferir. E se não for pedir muito, compartilhe essa ideia, faça com que outros também possam ter acesso ao nosso Jornal Pastoral. Boa leitura!

## Expediente

**Diretor:** Pe. Harley Carlos de Carvalho Lima

**Conselho Editorial:** Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. Lucas Germano de Azevedo, Edina da Silva, Ester Trindade, Mônica Moraes, José Euzébio de Oliveira, Durval Batista Roque, Pe. Edir Martins Moreira e Pe. Thiago José Gomes

**Jornalista responsável:** Thalia Gonçalves

**Reportagens:** Thalia Gonçalves - MTB 0022072/MG

**Diagramação:** Editora Dom Viçoso (31) 3557-1233

**Revisão:** Ester Trindade, Laene Medeiros, Pe. Paulo Barbosa e Thalia Gonçalves

**Colaboradores:** Pe. Leonardo Sérgio Rosa de Carvalho, Pe. Luiz Faustino dos Santos, Mons. Luiz Antônio Reis Costa

**Endereço:** Rua Direita, nº 102 – Centro, CEP: 35420-060 – Mariana (MG). Telefone: (31) 3557-1237

**E-mail:** dacom@arqmariana.com.br | **Site:** www.arqmariana.com.br

Fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.

## Visão pastoral

# Planejando nossas ações a partir do PAE

**Pe. José Geraldo de Oliveira**

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

O Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) já está em nossas mãos. Um projeto é sempre amplo, não descendo a particularidades. Por isso, é preciso estudá-lo, compreendê-lo, assimilá-lo; ver a realidade local e adaptá-lo a cada situação concreta, sem, no entanto, perder a unidade e o objetivo comum que se propõem.

Daí a necessidade de planejar nossas ações. Para esse planejamento, seguem algumas sugestões ou passos que podem ser dados, nas Regiões, Paróquias e Comunidades:

1. Ter uma equipe dedicada, responsável pelo processo de elaboração, desenvolvimento, execução e avaliação do plano;
2. Identificar as necessidades. Ter um diagnóstico preciso da realidade, no campo cultural, religioso, político, econômico, etc., pois o planejamento deve partir das necessidades e da realidade;
3. Avaliar o momento certo de começar o processo de planejamento, com quem podemos contar e quais recursos financeiros podemos investir. Ninguém pode dar a desculpa de que não planejou por falta de recursos, pois eles sempre existem;

4. Elaborar um cronograma de ações e fazer o possível para executá-las dentro do tempo previsto.

O ato de planejar faz parte da educação dos agentes; é assim que eles aprendem e se comprometem com a importância e a direção daquilo que fazem.

O planejamento deve ter a participação de todos. A participação é uma escola que educa para vencer um dos grandes inimigos de todo o trabalho pastoral: o desejo de transformar em poder o que deveria ser serviço. Onde todos participam, ficam protegidos contra a tentação da centralização e do autoritarismo. Incentivando a participação, vão descobrindo os talentos que, de outra forma, ficariam escondidos ou não apareceriam.

A multiplicação dos agentes evangelizadores depende da participação que lhes é oferecida. Quem participa zela melhor pelo fruto do trabalho que faz.

O planejamento permite melhor utilização dos recursos disponíveis, mantém o foco no objetivo proposto, evita contradição entre as diversas tarefas, permite identificar necessidades e o modo de supri-las, envolve as pessoas, reforçando as suas motivações. Enfim, o planejamento é uma verdadeira escola, na qual as pessoas aprendem fazendo: formação na ação.

## Opinião

# Vi, ouvi e desci - Sinodalidade

**Pe. Luiz Faustino dos Santos**

Granada, Abre Campo, MG

Deus ensina seu povo a viver, a “bem viver”. Os desencontros provocam desencanto, angústia, preocupação e retardam a realização pessoal, as conquistas comunitárias e o bem-estar social. Deus viu o sofrimento do seu povo no Egito, ouviu seu clamor e desceu para libertá-lo (cf. Ex 3,7-10). Colocar Deus nas alturas é próprio de quem não se interessa viver com Deus. Ele incomoda muito, Ele perturba. Sua presença fala alto de amor, compaixão, perdão, acolhida e partilha. O mundo vai por outra direção: ódio, violência, vingança, acumulação e injustiça. Deus é sinal de paz; seus inimigos preferem a guerra. Por esse motivo, no passado, e mais ainda no presente, muitos preferem que Deus fique lá nas alturas, acima de todos.

A Igreja tem uma grande missão. Aliás, a missão tem uma grande Igreja como instrumento de construção do Reino de justiça, paz e alegria no Espírito Santo (cf. Rm 14,17). Deus, Pai e Mãe, enviou seu Filho Jesus para ficar nesta Igreja, que é conduzida pelo Espírito Santo. É Deus entre nós: “Ele está no meio de nós”. Jesus dizia: “Eu e o Pai somos um, quem me vê, vê o Pai” (cf. Jo 14,8-11).

Jesus sempre demonstrou desejo de caminhar junto com... Chama seus discípulos e os envia dois a dois (cf. Lc 10,1). Quando dois deles estavam decepcionados, aparece Jesus para caminhar com eles e apontar o caminho da esperança (cf. Lc 24,13-33).

A Igreja aprendeu com Jesus a ESCUTAR. Houve um conflito entre os anunciadores do Evangelho. Logo perceberam que precisavam sentar e conversar. Foi o primeiro Concílio da Igreja (cf. At 15). Foi um precioso momento de escuta: escutaram o Espírito Santo e os (as) companheiros (as) de caminhada: “decidimos, o Espírito Santo e nós...” (At 15, 28). Desde então, a Igreja aprendeu a parar, pensar, rezar, dialogar e tomar decisões que favorecessem a construção do Reino. Assim acontecem desde as comunidades, paróquias, dioceses até a Igreja em âmbito mundial, em suas Assembleias, Sínodos e Concílios.

Igreja significa assembleia do povo de Deus. O povo não pode ser subserviente à hierarquia: “O maior é o que mais serve”. Deus deu o exemplo: as autoridades eclesásticas devem descer dos tronos e ficar no meio do povo, para “ter cheiro de ovelhas”, como Jesus fez, e dialogar: ouvir, planejar, executar, avaliar e retomar a caminhada sempre juntos, lado a lado.



# A fase arquidiocesana do Sínodo

CREMILDA MOUTINHO

*A Igreja Católica vive, desde outubro de 2021, o processo sinodal para a 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a ser realizada em outubro de 2023. Finalizada a primeira fase, com a escuta nas Igrejas Particulares, o Jornal Pastoral conversa com o Padre Edmar José da Silva para saber como foi esse processo na Arquidiocese de Mariana.*



**Jornal Pastoral: Qual foi o desejo do Papa Francisco ao convocar um Sínodo sobre a Sinodalidade?**

**Pe. Edmar:** Creio que o desejo maior do Papa Francisco é criar na Igreja Católica uma cultura da escuta, do diálogo, do encontro, da unidade e da corresponsabilidade no processo de evangelização. Para ele, o Sínodo é um tempo de graça e que nos oferece ao menos três oportunidades: “A primeira é encaminhar-nos, não ocasionalmente, mas estruturalmente para uma Igreja sinodal: um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar. Depois, o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos Igreja da escuta: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. [...] Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma Igreja da proximidade. [...] Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura”. Para o Papa Francisco, a sinodalidade faz parte da essência e da natureza da Igreja. Essa compreensão tem sua origem na eclesiologia do Concílio Vaticano II que compreendeu a Igreja como “Mistério de comunhão”, “Povo de Deus”

e “Corpo Místico de Cristo”. O Papa está nos ajudando a resgatar essa profundíssima eclesiologia do Concílio.

**Jornal Pastoral: Sendo um dos responsáveis pela dinamização da fase diocesana do Sínodo nesta Igreja Particular, qual a avaliação que o senhor faz do envolvimento da Arquidiocese de Mariana nesse processo?**

**Pe. Edmar:** A avaliação que faço é muito positiva! A nossa Arquidiocese conseguiu se organizar muito bem para essa fase do Sínodo. Houve muito empenho do Arcebispo, dos contatos arquidiocesanos e da Equipe Arquidiocesana de Animação. Todos se desdobraram para divulgar o evento, além de formar e motivar os padres, diáconos e leigos (as) para o processo de escuta.

Cabe ressaltar que houve uma adesão quase total das paróquias no processo de escuta. Mesmo com os desafios impostos pela pandemia, cada paróquia usou a criatividade para alcançar mais pessoas neste processo de consulta ao Povo de Deus. Percebi muito entusiasmo da grande maioria do clero, dos religiosos e religiosas e dos cristãos leigos e leigas da nossa Arquidiocese.

Muitos grupos específicos também puderam participar ativamente: os seminaristas, alguns universitários, as religiosas e os religiosos que residem no território da Arquidiocese de Mariana. Uma constatação negativa é que muitas paróquias enfrentaram dificuldades concretas para ouvir as pessoas que não fazem parte da nossa estrutura eclesial. Infelizmente, essa dificuldade encontrada empobrece um pouco o resultado final do processo de escuta.

**Jornal Pastoral: Na sua opinião, como a Arquidiocese de Mariana tem vivido a dimensão da Sinodalidade, tão desejada pelo Papa Francisco?**

**Pe. Edmar:** Afirmo com grande satisfação que a Arquidiocese de Mariana, há mais de quatro décadas, tem feito um processo muito rico e frutuoso de caminhada sinodal. Os nossos últimos arcebispos criaram entre nós uma cultura do diálogo, da escuta, da corresponsabilidade no processo de evangelização, de valorização do laicato, de incentivo ao uso dos diversos dons e carismas do Povo de Deus. Isso fica visibilizado no modo como aprendemos a valorizar os

Conselhos e a realização das assembleias pastorais nas diversas instâncias arquidiocesanas, no envolvimento dos leigos nas decisões pastorais e na crescente proximidade fraterna entre o clero e os cristãos leigos e leigas.

Portanto, a prática da sinodalidade não é uma novidade para a nossa Igreja Particular. Nesse sentido, o Sínodo nos ajuda a reafirmar esses valores adquiridos e assimilados nas últimas décadas e que devemos preservar como herança espiritual e pastoral dos que nos precederam na missão evangelizadora. Obviamente, temos muito que crescer ainda! Este Sínodo nos ajudará a tomar consciência das lacunas existentes na nossa prática sinodal. Creio que, com fé e humildade, devemos acolher aquilo que o Espírito Santo suscitou como inspiração para crescermos ainda mais na nossa experiência de “caminhar juntos”.

**Jornal Pastoral: Na sua opinião, quais serão os frutos da fase diocesana do Sínodo?**

**Pe. Edmar:** O material recolhido no decorrer do processo de escuta paroquial (síntese paroquial) não deve ser engavetado. Ele deve ser

vir como orientação pastoral para as nossas paróquias. Por isso, é importante dar visibilidade para o resultado do processo de escuta nos conselhos paroquiais e definir novas estratégias de evangelização a partir desse subsídio. Creio ser este um dos frutos. Quanto à Arquidiocese, a síntese foi apresentada na reunião pré-sinodal e agora deve ser usada como subsídio para a caminhada pastoral arquidiocesana. É também um fruto maduro para a nossa Igreja particular. Além disso, torço para que toda essa mobilização possa gerar frutos de conversão sinodal no coração do nosso clero, dos (as) religiosos (as) que exercem sua missão no território da nossa Arquidiocese e dos cristãos leigos e leigas das nossas comunidades, especialmente, daqueles (as) que ainda não descobriram a beleza e o valor do “caminhar juntos”.

Aproveito a ocasião para agradecer a todos os que se envolveram apaixonadamente neste processo de escuta sinodal! O processo foi tão importante quanto o resultado final. Desejo, de coração, que a escuta e o diálogo se tornem uma prática constante e rotineira no nosso modo de ser Igreja.



# Vamos celebrar!

## O verdadeiro serviço litúrgico

Pe. Leonardo Sérgio Rosa Carvalho

DACOM

Pensada etimologicamente, a palavra Liturgia vem do grego *leitourgia* que, por sua vez, “é composta das palavras *leitos* (popular, do povo) e *ergon* (ação, obra, trabalho). Portanto, referia-se, já desde o seu uso grego, a uma ação, a um trabalho, que não visa à utilidade privada, mas à da comunidade, tanto no terreno social como no religioso” (ALDAZÁBAL, 2013, p. 207). Desse modo, quando se fala em “Liturgia”, imediatamente deve-se pensar em uma ação, em um serviço.

Mas, que tipo de ação? Não se pode confundir o sentido da liturgia apenas como atividades ou como suas expressões externas, às quais, geralmente, associamos como sendo “as ações litúrgicas” por excelência. Antes de qualquer coisa, é preciso entender o seu sentido mais profundo.

Como “ação ou obra pública”, a Liturgia é sobretudo obra de Deus em favor do povo. Por meio dela, “Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra de nossa redenção.” (CIgC, 1069). Portanto, o grande agente na Liturgia sempre será Deus que, por meio do único sacerdócio de Jesus Cristo e pela ação do Espírito Santo, continua operando a salvação do homem.

Todavia, como o grande protagonista da ação litúrgica, Deus não exclui a participação do homem. Antes de qualquer coisa, devemos ter consciência de que na liturgia “é o próprio Deus quem age, e que nós somos atraídos para dentro desse agir de Deus” (RATZINGER, 2015, p. 145). É Ele quem opera o essencial e, como membros do corpo místico de seu Filho, permitenos tomar parte desta sua ação. Novamente, corre-se o risco de também associarmos essa “participação” com exterioridades e ativismos, quando, na verdade, ela deve ser compreendida, sobretu-



do, como a oração. “A verdadeira ação litúrgica, o verdadeiro ato litúrgico é a oração” (RATZINGER, 2015, p. 143).

Logicamente, dentro da própria elaboração ritual da liturgia, devem-se distribuir ações exteriores: as leituras, os cantos, os serviços no altar. É essencial que as tarefas sejam distribuídas o máximo possível. Mas, tudo isso

deve ser precedido pelo que é o mais importante: a oração, que é a abertura para a ação genuína de Deus. Sendo assim, a verdadeira formação litúrgica “não pode consistir na aprendizagem e no exercício de atividades exteriores, mas na introdução do poder transformador de Deus, que através do evento litúrgico quer transformar a nós e ao

mundo” (RATZINGER, 2015, p. 146).

Deste modo, o sentido da Liturgia pode ser alargado, e de sua compreensão primordial como “serviço de Deus”, também pode ser vista como “serviço da Igreja”. Pois, por meio da participação na celebração litúrgica, “a Igreja é serva à imagem do seu Senhor, o único ‘litúrgico’, participando do seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e régio (serviço da caridade)” (CIgC, 1070). Tal compreensão faz, inclusive, com que não se encerre a liturgia apenas ao ato cultural, mas a traga para o cotidiano. “Penetrar na ação de Deus para cooperar com Ele: é isso que começa na liturgia e depois se desenvolve além dela” (RATZINGER, 2015, p. 146). Portanto, a “liturgia” sempre se alarga e toca a vida: ela é o culto divino, mas também a evangelização e a própria caridade em ato.



THALIA GONÇALVES



# Quais frutos queremos colher?

Reflexão e partilha sobre a caminhada de Evangelização e Pastoral da Igreja Particular de Mariana marcaram a 29ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral

THALIA GONÇALVES

Aconteceu, nos dias 17 e 29 de setembro, a 29ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral. Marcada por um momento de partilha, reflexão e reencontros, o evento eclesial buscou pensar novas perspectivas para a caminhada pastoral da Igreja Particular de Mariana no contexto de pós-pandemia, à luz do Sínodo dos Bispos 2021-2023 e do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE).

Sem a intenção de ser uma Assembleia avaliativa ou propositiva, o evento foi realizado em dois momentos distintos: o primeiro, realizado on-line, e o segundo, presencialmente no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto (MG).

## Etapa on-line

Seguindo o mesmo formato da Assembleia de 2021, no primeiro dia, ocorrido em 17 de setembro, os participantes refletiram, a partir da exposição do Padre Euder Canuto, sobre as análises de conjunturas apresentadas ao episcopado brasileiro nas duas etapas da 59ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em sua fala, Padre Euder apontou os principais elementos constatados objetivamente no contexto atual e provocou os participantes da Assembleia a meditar sobre a situação atual e a se perguntarem, sobretudo, como poderão exercer a verdadeira profecia, ajudando a sociedade a enxergar essa realidade com o olhar de Deus.

Ainda nessa etapa, cada Vigário Episcopal compartilhou com os demais participantes sobre como estão os trabalhos em sua região pastoral, especialmente, neste contexto de retomada das atividades depois da fase mais severa da pandemia de Covid-19.

## A árvore da Arquidiocese

Olhando para si e a sua caminhada, o segundo dia da 29ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral foi iluminado pela reflexão sobre a Sinodalidade e do Projeto Arquidiocesano de Evangelização. À ocasião, o Padre Carlos Heitor Fideles proferiu a conferência “A Sinodalidade à luz da Palavra de Deus”, apresentando uma funda-



mentação bíblica sobre o tema.

Em seguida, os cerca de 130 presentes, entre membros dos Conselhos Regionais de Pastoral (CRPs) e do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP), foram divididos em grupos para juntos realizarem a dinâmica da árvore. A proposta da atividade foi que cada equipe identificasse o que já se tem na caminhada da Arquidiocese de Mariana, seja aquilo que a sustenta (aspectos positivos) ou os espinhos (desafios).

Outro objetivo da dinâmica foi que os participantes, pautando-se no processo sinodal e no PAE, apontassem os anseios para a continuidade dos trabalhos de evangelização e pastoral desta Igreja Particular: as flores, ou seja, os sonhos, e os frutos, aquilo que pode ser produzido de forma concreta.

Por meio dessa atividade, diversos pontos importantes foram levantados e que ajudaram a aperfeiçoar os trabalhos de evangelização da Arquidiocese de Mariana. Para a religiosa da Congregação das Irmãs Passionistas, Irmã Arlene Fonseca Simões, a dinâmica ajudou a perceber que tudo é fruto.

“Nós mostramos e vimos a caminhada dos espinhos que se transformam em flores e frutos. A

caminhada sinodal na nossa Igreja é assim: entrelaçando desafios, mas também sonhos, conquistas e realidades, nas quais a gente, como povo de Deus, pode tornar a nossa Igreja mais bela. Juntos podemos muito mais”, ressaltou Irmã Arlene.

Diante das partilhas ocorridas durante a Assembleia, o leigo da Paróquia do Divino Espírito Santo, em Lamim (MG), José Geraldo Reis e Silva, pontuou a necessidade de colocar em prática aquilo que foi escutado. “Se nós só ouvirmos e guardarmos, nós vamos ter uma semente guardada que não vai produzir frutos”.

Para ele, o resultado processo de escuta sinodal é um impulso para que as paróquias e comunidades analisem as suas próprias realidades, falando com sabedoria e ensinando com amor, como motiva a Campanha da Fraternidade de 2022, a fim de mudá-las. “Nós levamos a Palavra que se transforma em pão que alimenta. Pão, Palavra, Caridade e Missão são os pilares do Plano Arquidiocesano de Evangelização”, destacou.

## Os frutos da Arquidiocese

Na avaliação do Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, Padre José Geraldo de Oliveira, as

discussões feitas durante a Assembleia foram positivas e ajudarão as regiões pastorais da Arquidiocese de Mariana a planejar faça suas atividades baseando-se no PAE. “Saímos animados a continuar esse trabalho de evangelização, a fortalecer cada vez mais os grupos e buscar também uma unidade nesta caminhada”, salientou.

Também enfatizando a importância de se colocar o PAE, o Arcebispo Metropolitano de Mariana, Dom Airton José dos Santos, lembrou que o Projeto Arquidiocesano de Evangelização nasce das mãos das pessoas e que deve ser vivido no dia a dia. “O centro da preocupação do nosso trabalho é exatamente pô-lo em prática. É isso que vai movimentar, vai fazer girar, todas as nossas energias, atividades e compromissos dentro da Arquidiocese”, declarou.

Por fim, ele lembrou que a Igreja Particular de Mariana é uma terra que produz muitos frutos. “É importante reconsiderar a Arquidiocese de Mariana como uma Igreja que produz os seus frutos na prática do dia a dia; não são frutos de um período. Mas da vida eclesial que nós temos lançada já aqui nessas terras e que vai continuar, se Deus quiser, até o final dos tempos”, frisou Dom Airton.



## Giro de Notícias



THALIA GONÇALVES

Aconteceu no dia 7 de setembro, em Congonhas (MG), o 28º Grito dos Excluídos e Excluídas. Com o tema “Vida em primeiro lugar!” e o lema “Brasil: 200 anos de (in)dependência. Para quem?”, após dois anos de restrições, o ato voltou às ruas e reuniu centenas de pessoas na cidade dos profetas.

ARQUIDIOCESE DE MARIANA

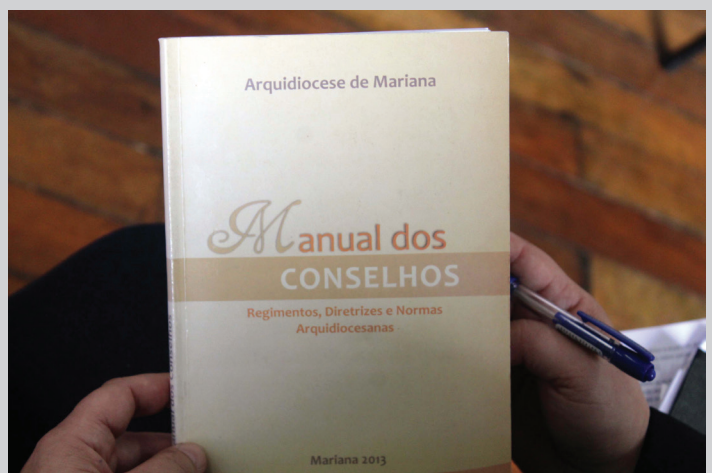


Em preparação à beatificação da Serva de Deus Isabel Cristina, foi divulgado em 19 de setembro o hino em sua homenagem. Composto pelo seminarista José Mário Santana Barbosa, do 4º ano de Teologia, e pelo organista Wallace Gabriel Moura da Silva, o cântico é uma homenagem às virtudes heróicas da Mártir Isabel Cristina. Já a gravação foi feita pelo Coral Mosaico, de Viçosa (MG), com produção musical e arranjo para coro de Renato Luiz Gonçalves.

REGIONAIS LESTE 2 E 3



O Arcebispo Metropolitano de Mariana, Dom Airton José dos Santos, juntamente com os demais preladados dos Regionais Leste 2 (Minas Gerais) e Leste 3 (Espírito Santo) da CNBB realizam dos dias 16 a 27 de outubro a Visita Ad Limina Apostolorum. Durante a viagem, o grupo terá audiência com o Papa Francisco, além de peregrinação aos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo e visitas aos departamentos que integram a Cúria Romana.



O Manual dos Conselhos da Arquidiocese de Mariana está passando por uma revisão. Para isso, foi constituída uma equipe que tem como objetivo estudar todas as estruturas de funcionamento da Arquidiocese para propor uma atualização diante das orientações atuais da Igreja. Neste primeiro momento, a comissão tem se dedicado a estudar a Constituição Apostólica Praedicate Evangelium do Papa Francisco.

# O que é o Encontro de Casais com Cristo?

**Pe. Daniel Ângelo Henriques**  
Diretor Espiritual Arquidiocesano

O Encontro de Casais com Cristo (ECC) é um serviço-escola da Igreja, essencialmente paroquial, para evangelizar as famílias e despertar os casais para atuarem nas pastorais e movimentos. Foi idealizado pelo Padre Alfonso Pastore que teve uma grande inspiração e, em abril de 1970, na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Vila Pompéia (SP), criou uma sequência de palestras que deu origem ao ECC. Os primeiros encontros aconteceram no segundo semestre do mesmo ano em São Paulo (SP).

Atualmente, o ECC está presente em mais de 800 paróquias espalhadas por todas as regiões do Brasil e até em algumas dioceses no exterior como no Canadá. Está organizado em uma estrutura nacional, dividida em regiões, (arqui)dioceses, setores e paróquias, que são coordenados por conselhos integrados pelos casais e seus respectivos diretores espirituais, nas diferentes funções que desempenham, assegurando a unidade do ECC em todas as suas ações.

Na Arquidiocese de Mariana, que integra a Província Eclesiástica de Mariana, juntamente com as Dioceses de Caratinga e Governador Valadares, o ECC está presente em cerca de 66 das 136 paróquias, distribuídas em sete Regiões Pastorais: Setor Norte, Setor Sul – Foranias de Barbacena e Rio Pomba, Setor Sul – Foranias de Carandaí e Alto Rio Doce, Setor Oeste – Ouro Branco, Setor Centro, Setor Leste – Forania de Viçosa e Setor Leste – Foranias de Abre Campo

e Ponte Nova. Com essas informações verifica-se que muito há por ser feito. Contudo, além da busca pela ampliação da presença do ECC, é preciso acompanhar continuamente a manutenção das respectivas atividades.

O ECC é conhecido por ser uma eficiente porta de entrada de famílias católicas para o retorno à Igreja, especialmente, as afastadas da comunidade eclesial, e por se configurar numa fonte fértil de mão-de-obra para o trabalho pastoral.

Os encontros acontecem em três etapas distintas de uma sequência em que cada fase tem características e finalidades próprias. O modo de realização dos encontros está previsto no Documento Nacional e deve ser seguido na íntegra para não descaracterizar os objetivos e a identidade do ECC. Assim, para que todos os casais sejam plenamente acolhidos, as atividades devem ser desenvolvidas a partir de cinco pontos básicos que são a pobreza, a oração, a doação, a alegria e a simplicidade.

As paróquias, nas quais o ECC está presente e ativo, destacam-se pela presença de lideranças despertadas no encontro, pela atuação ativa, generosa e comprometida dos casais nas diversas pastorais, movimentos e serviços, reafirmando o compromisso da Igreja e sua comunidade eclesial, em permanente construção sinodal, com os valores cristãos transformadores pela promoção do amor fraterno, a busca pela justiça e pela paz.



ECC



# Em busca de uma Igreja *missionária e ministerial*

**Pe. José Antônio de Oliveira**

Pároco da paróquia São João Batista, em Matipo, MG, e assessor do Conselho do Laicato

A Arquidiocese de Mariana está na fase final da elaboração de um importante documento. Trata-se de algumas diretrizes e orientações para os ministérios dos cristãos leigos e leigas. Queremos partilhar com você algumas reflexões e intuições do que propõe esse texto.

De início, é importante lembrar que a Igreja surgiu como instrumento e ferramenta para a construção do Reino de Deus Reino da justiça e do amor. Para isso, ela tem a missão de evangelizar e promover a vida. Não existe para si, mas para a missão. Não é para dentro, mas em saída. Tudo isso deve acontecer dentro de uma “variedade de vocações e ministérios que se harmonizam, sem confundir-se, na realização dessa tarefa comum” (Doc. 62, da CNBB, n. 62).

Para entender melhor o que são os serviços e ministérios na Igreja, fazemos uso de duas imagens: Povo de Deus e Corpo.

A noção de Povo de Deus exprime a profunda unidade, a comum dignidade e a fundamental habilitação de todos os seus membros à participação na vida da Igreja e à corresponsabilidade na missão. Participação, comunhão e missão, como propõe o atual Sínodo. Antes e além de toda e qualquer diferenciação carismática e ministerial, está a condição cristã, que é comum a todos os membros da Igreja (Doc. 62, n. 70). Vamos encontrar tal reflexão sobretudo a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, em especial a *Lumen Gentium*.

A imagem do corpo aparece de modo muito claro e simbólico nas cartas de Paulo. No capítulo 12 da Carta aos Romanos, ele nos lembra que, como os membros do corpo, somos muitos e diferentes, mas formamos uma unidade, cada um com a sua função, de acordo com a graça que nos foi dada. Deus “preparou os cristãos para o trabalho do ministério que constrói o Corpo de Cristo” (Ef 4,12).



Na Carta aos Coríntios, o Apóstolo recorda a importância de cada membro do corpo, por mais simples que pareça. Nenhum se basta e nenhum pode descartar o outro. E ninguém fica fora desse corpo. Existem dons, serviços e modos de agir diferentes, mas há um só Senhor e uma mesma missão. “Vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar” (Cf. 1Cor 12,4-31).

O dom não é nosso, mas para o outro. “A cada um é dada a manifestação do Espírito para utilidade comum” (1Cor 12,7). E o exercício do ministério precisa de uma coordenação, de alguém que seja referência e ponto de unidade. Deus “organiza e dá coesão ao corpo inteiro, através de uma rede de articulações, que são os membros, cada um com sua atividade própria para que o corpo cresça” (Ef 4,16 – tradução da Bíblia Pastoral). Um dos ministérios é coordenar (pôr em ordem), articular e unir.

Na prática, esses ministérios ainda estão muito restritos ao mundo da Liturgia e da Catequese. Mas não deve parar aí. Já em 1975 Paulo VI afirmava que a atuação ministerial dos leigos e leigas

deve abranger o “vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, dos meios de comunicação social e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento” (EN 70).

Mas é importante que a Igreja, enquanto instituição e enquanto Povo de Deus, reconheça e valorize a diversidade de carismas, serviços e ministérios leigos. Também “no ministério teológico, nas coordenações, assembleias de planejamento, conselhos pastorais e econômicos, e outras instâncias de decisão. Os planos pastorais diocesanos e paroquiais devem ser pensados, formulados e executados de modo inclusivo e criativo” (Doc. 105 da CNBB, n.160). Isso é Igreja ministerial. Porém, tanto a partir da hierarquia como de leigos e leigas, a motivação seja sempre o horizonte do Reino e a prática do amor. São Paulo reforça justamente a primazia do amor (Cf. 1Cor 13).

Em suma, a Igreja é por si ministerial. Os ministérios eclesiais são serviços comunitários (Rm 12,4-5) suscitados pelo Espírito Santo (1Cor 12,11) para a edificação do Corpo de Cristo (Ef 4,4-6). O ministério é, fundamentalmente, “o carisma que assume a forma de serviço à comunidade e à sua missão no mundo e na Igreja e como tal é acolhido e reconhecido pela Igreja. Assim sendo, todo ministério é um carisma, por ser um dom de Deus; mas nem todo carisma é um ministério, pois o ministério assume a forma de serviço bem determinado, envolvendo um conjunto mais amplo de funções, que responda a exigências da comunidade e da missão, comporte verdadeira responsabilidade e seja acolhido e reconhecido pela comunidade eclesial” (Doc.105, n. 155). O ministério representa uma atuação pública e oficial da Igreja, comportando modalidades e graus diversos.

No próximo número apresentaremos algumas categorias de ministérios, como ordenados, instituídos, reconhecidos, etc., e falaremos de como podem acontecer na prática, em nossa missão.



# Panela de pedra cultura e tradição

Esquece aquela história de que “panela velha é que faz comida boa”. Em Cachoeira do Brumado, a música entoada pelo cantor Sérgio Reis é, em consenso, parodiada: é panela de pedra que faz comida boa. “Para fazer uma comida com mais sabor, gostosa, é na panela de pedra. A panela de pedra é melhor. [...] O sabor é outro”, afirma a dona Maria do Carmo Pereira Gonçalves com a convicção e a experiência dos seus mais de 60 anos cozinhando utilizando o utensílio.

Famoso pela queda d’água que nomeia a comunidade, o distrito de Mariana (MG), localizado a 27 km da sede desta Igreja Particular, se destaca por seus encantos, aconchego, mas, principalmente, sua arte. Terra de artistas renomados no cenário da cultura popular, a comunidade tricentenária é conhecida nacionalmente e internacionalmente pelo seu artesanato.

Pelas mãos habilidosas e, por vezes, calejadas, dos seus filhos, matérias-primas como madeira, sisal e pedra-sabão se tornam arte e constituem a identidade e cultura de seu povo. Mas um em específico tem um lugar especial nos corações e nas cozinhas dos cachoeirenses: a panela de pedra-sabão.

## Tradição

Não se sabe ao certo há quanto tempo o ofício é feito em Cachoeira do Brumado. No entanto, estima-se que as panelas de pedra-sabão fazem parte da vida dos cachoeirenses há mais de 250 anos.

*Artesanato é sinônimo de pertencimento, além de ser fonte de renda de muitas famílias de Cachoeira do Brumado*



O distrito e esse artesanato foram, juntos, modelando, as suas histórias até quase se fundirem em uma só.

Dos primeiros utensílios feitos totalmente à mão, utilizando-se somente uma machadinha, passando para o uso do torno para auxiliar no processo, seja aqueles movidos a água, por meio da energia gerada pelos moinhos, ou dos elétricos, assim como a pedra-sabão, que é esculpida até dar forma aos mais diversos objetos, de geração a geração, o artesanato cachoeirense foi moldando sua história e firmando como expressão de cultura e tradição.

Muitas pessoas tiveram o seu primeiro contato com o ofício ainda na infância. “Desde criança fazia alguma coisa, como ajudar meu pai a buscar as panelas nos tornos. Depois que concluí o segun-

do grau, hoje, Ensino Médio, ingressei de vez e estou até hoje”, conta Nirton César Gonçalves que há mais de 30 anos trabalha com as panelas de pedra-sabão. Em novembro de 2015, o seu modo de fazer foi declarado como Patrimônio Imaterial do Município de Mariana, assegurando ao distrito o título de pioneiro.

Além de proporcionar mais sabor às refeições e mantê-las aquecidas por mais tempo, o utensílio foi e é fonte de renda e de afetos de muitas famílias da comunidade. “Antigamente, o povo de Cachoeira do Brumado vivia só da panela de pedra”, lembra dona Maria do Carmo. Ela ainda conta que há alguns anos os utensílios eram comercializados, principalmente, pelos tropeiros que, com as tropas de burros, viajavam longas

distâncias para vender as panelas. Com o passar dos anos, as tropas foram sendo substituídas pelos meios de transportes como trem, ônibus e carros. “Agora, graças a Deus, é [mais fácil]! Mas a panela de pedra sempre continuando, né?”, enfatiza.

Por isso, para os moradores, esta arte é repleta de valores. “Para nós, em Cachoeira, o artesanato representa, para mim, tudo! [...] Se a pessoa sai, está fazendo a panela, que [é] parte do artesanato, ele a vendeu, ele pode comprar o que ele quer. Muitos em cima da panela, em Cachoeira, têm a sua casinha, seu carrinho, sua moto, sua bicicleta, entendeu? Tem um dinheirinho guardado, reservado. Então, o artesanato é muito comunicativo para nós em Cachoeira; para mim, é!”, diz com orgulho o artesão das panelas mais

idoso do distrito, José Geraldo Teixeira, mais conhecido como Gegê Barbudo.

Quem também concorda com o paneleiro, nome popular dado a quem faz esse artesanato, é Nirton. “As panelas de pedra significam muito. Meu pai adquiriu propriedades, [constituiu] família e nos criou trabalhando com as panelas de pedra. Eu também, graças a Deus. É um serviço cansativo, mas que aprendi a gostar e sou apaixonado por esse ofício”, pontua.

Por isso, falar de Cachoeira do Brumado sem mencionar as panelas de pedra-sabão e vice-versa é quase impossível, pois, mais do que fonte de renda de muitas pessoas, diz sobre a história de um povo e o seu pertencimento à comunidade. Afinal, como afirma Gegê, é um presente de Deus para o distrito.

